

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: Salesianos 681

Data: 16.11.80 Pg.: \_\_\_\_\_

# Salesiano, herói anônimo na Amazônia

PEDRO ZAN

Há uma índia grávida no município de Santa Isabel, interior do Amazonas, que precisa de cuidados médicos para poder dar à luz. Padres salesianos entram em contato, pelo rádio, com a FAB e, no mesmo dia, um Douglas C-47 pousa na selva, em um aeroporto improvisado. Estavam salvas duas vidas — a de um recém-nascido e sua mãe — graças ao trabalho conjunto de missionários e militares em uma das regiões desabitadas do País, próxima à fronteira com a Colômbia e Venezuela.

Pouco tempo depois, padre Scolaro morre afogado em um dos rios que cortam os locais onde estão instaladas as missões, no Amazonas. Ele fazia visitas pastorais aos índios, quando sua "voadeira" virou. Durante dias o corpo foi carregado pelas correntezas e nem mesmo um helicóptero da FAB conseguiu localizá-lo. Um índio, no entanto, estudou o movimento das águas, percorreu diversos locais e procurou a Aeronáutica para revelar suas conclusões. Ele estava certo: a FAB voltou a sobrevoar a área e resgatou o corpo, em um local pouco conhecido.

Duas histórias heróicas — uma alegre, outra triste — que fazem parte das aventuras diárias dos que vivem na região amazônica, ajudando a salvar vidas e cuidar dos índios. Um trabalho anônimo, silencioso, que salesianos e homens do Ministé-

rio da Aeronáutica aprenderam a cumprir sem esperar, em troca, elogios e recompensas. Na verdade, recebem apenas o reconhecimento dos que são auxiliados e retornam, sempre, a suas casas e aldeias, onde convivem com a natureza e o perigo.

O seminarista Di Sério Sântolo passou seis meses nas missões salesianas do rio Negro, no Amazonas, estudando teologia e conhecendo, de perto, os índios. Deixou os livros de lado, na Itália, e se instalou em casas humildes no município de Santa Isabel, no rio Negro — uma região que possui a mesma superfície de seu País de origem. É lá que os salesianos trabalham há décadas, procurando atender índios necessitados.

A primeira surpresa de Sântolo foi encontrar índios demonstrando grande amor à natureza e à simplicidade. "Eles reconhecem os pássaros pelo canto, identificam pegada de bichos na terra e diferenciam, à distância, um porco do mato de uma onça". À noite, o silêncio predomina nas missões e as luzes são desligadas às 22 horas, quando o último motor deixa de funcionar. O trabalho só recomeçará quando surgirem os primeiros raios de sol, penetrando pelas fechadas copas das árvores.

É assim em Barcelos, São Gabriel da Cachoeira, Iauarete, Pari-Cachoeira e Taracá, no rio Negro, onde 20 padres salesianos cuidam de 23 mil índios. Muitos estão há 30 ou 40 quilômetros de distância

das missões, e viajam dia e noite pelos rios, dormindo nas proximidades dos igarapés e alimentando-se de frutas, peixes e caça para serem atendidos nos hospitais dos salesianos.

Quando esteve no Brasil, o papa João Paulo II ouviu muitas histórias sobre o trabalho dos missionários na Amazônia, e reservou um dos seus discursos, em Manaus, para homenageá-los. "Eu me ajoelho diante de cada uma dessas figuras de missionários, homens como nós, com defeitos e fraquezas, engrandecidos, porém, pelo testemunho do dom pleno de si mesmos às missões."

O bispo da prelazia do rio Negro, d. Miguel Alagna, explica o significado do trabalho dos missionários nas aldeias indígenas: "Os indígenas nos querem perto deles, porque sem os missionários a vida deles torna-se uma tragédia, como acontecia antes. Tenho documentos que lembram como os civilizados chegavam às aldeias: armados, roubavam tudo, aproveitando-se das mulheres, e fugiam em seguida. Com a nossa presença isso não acontece mais, e os índios se sentem protegidos".

"Mas, além da proteção, eles querem nossa fé. Os índios pediram que fosse trocado um missionário, que procurava só o progresso material e não ensinava catecismo. Outros louvam o trabalho dos missionários. Nós não nos julgamos destrul-

dores de cultura, aliás em Jesus Cristo, somos semeadores de esperanças."

O seminarista Di Sério Sântolo lembra que os missionários, na Amazônia, aproximaram as tribos indígenas, permitindo um maior entrosamento, entre os que antes viviam isolados. "Os salesianos foram o elo de ligação. Compreenderam que os índios tinham direito à terra. Afinal, eles chegaram antes de nós. E aprenderam, rapidamente, com os missionários, a cultivar a terra para o sustento da família."

João Paulo II pediu, em outro de seus discursos, que os índios tenham o direito de habitar as terras "na paz e na serenidade", sem que esse direito se transforme "em pesadelo". Não podem correr o risco de serem desalojados "em benefício de outrem", pois precisam do espaço vital "que será base não somente para a sua sobrevivência, mas para a preservação de sua identidade, como grupo humano, como um povo".

Di Sério Sântolo consulta o livro com os discursos do papa e comenta, com forte sotaque italiano, os trechos mais importantes, gritados a lápis, que falam sobre os missionários. Em todos, há um ponto comum: a preocupação em preservar o trabalho dos missionários e as características dos índios, sem deixar de lado as dificuldades existentes e as limitações humanas.

Ao longo do rio Negro, há 119 escolas de índios, onde professores ensinam a 33 tribos diferentes os dialetos locais. Somente os 1.500 índios Macús não possuem professores da mesma tribo, mas fora das salas de aula, diz d. Miguel Alagna, "faziam entre si a língua materna". Há sete mil crianças índias em toda a região, e duas mil frequentam as escolas dos missionários salesianos.

O bispo da Prelazia do rio Negro conta como funcionam essas escolas: "Na aula, de modo particular nos primeiros anos, predomina o uso da língua própria à qual, paulatinamente, se vai acrescentando o Português. O problema maior é a escrita da língua indígena: são 33 tribos diferentes e, para a maioria, não há método válido para essa escrita. Onde há, usa-se nas classes adiantadas".

Na área subordinada à Prelazia do rio Negro há também seis internatos para 936 índios que desejam "estudar mais". Os alunos percorrem grandes distâncias para chegar às escolas, que costumam situar-se em pequenas comunidades dispersas ao longo dos rios e da própria floresta. Os índios tuchauas manifestaram-se, recentemente, sobre as aulas nos internatos: "Os internatos devem permanecer. Nós somos capazes de decidir sozinho e, na situação atual, determinamos que os internatos continuem".